



**Data:** 05.07.2017

**Título:** Tsunami de fogo

**Pub:**

**JL**

**Tipo:** Jornal Nacional Quinzenal

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;29



## O tsunami de fogo, por Viriato Soromenho-Marques

Área: 565cm<sup>2</sup> / 33%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5798354



Data: 05.07.2017

Título: Tsunami de fogo

Pub: **JL**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

Pág: 1;29



**ECOLOGIA**

VIRIATO SOROMENHO MARQUES

# Tsunami de fogo

**S**essenta e quatro mortos no total, até à altura em que escrevo. Quarenta e sete civis, incluindo crianças e mulheres, carbonizados numa estrada nacional, como se tivessem sido fulminados por bombas incendiárias num qualquer campo de batalha do Médio Oriente. A maior área florestal ardida na história de Portugal.

São sinais de que desta vez é diferente. A inércia da incompetência política acumulada em mais de quatro décadas de manifesta incapacidade de ordenar o território, foi catalisada pelos primeiros golpes vibrados pelo início visível do processo global de alterações climáticas: uma onda de calor de 20 dias! E o resultado está a vista. Os portugueses sentem-se invadidos por um poderoso e impiedoso inimigo. Mas o rosto desse inimigo só é observável quando nos olhamos ao espelho como sociedade.

Durante séculos, desde o Velho do Restelo a Antero de Quental, suspeitávamos que a culpa do país estar despovoado, além da estreita faixa litoral, se ficava a dever aos apelos ultramarinos da pimenta e da canela. Contudo, nunca como depois da derrocada do último império, em 1974, o país se refugiou tanto na magra linha litoral. Hoje, o “interior”, abandonado, pobre, descapitalizado, com uma propriedade fundiária ingovernável, vulnerável a todos os desleixos e abusos, transformou-se numa ameaça sazonal para o resto do país.



A tragédia de Pedrogão Grande 'Procuram-se culpados em vez de explicações'

Paradoxal destino, o de uma nação que foi a primeira a construir um império marítimo europeu moderno e que, agora, treme e teme por causa da sua exígua sombra espacial, entre a espuma do Atlântico e a fronteira espanhola... Criámos a primeira presença militar europeia na Índia, 1 800 anos depois da passagem de Alexandre Magno, e agora perecemos debaixo dos eucaliptos e dos pinheiros bravos que a nossa indigência, ignorância e pequena cupidéz deixaram crescer a um ponto explosivo.

A gravidade estrutural das causas do que sucedeu é banalizada pelas reações corporativas do costume. Procuram-se culpados em vez de explicações. A GNR, os bombeiros, a Protecção Civil, todos eles terão, provavelmente, cometido erros

operacionais, ou táticos, mas foram eles que deram o corpo às chamas. Foram eles que estiveram junto das populações. Não foram eles que plantaram áreas de monocultura de eucalipto, cruzada com pinheiro bravo, sem respeitar as regras legais e razoáveis de boa gestão.

Nenhum erro de combate pode explicar a expansão do incêndio a uma área tão enorme, a não ser a permissividade e a cumplicidade, activa e por omissão, das autoridades públicas que deveriam zelar pelo ordenamento do território. As populações atingidas pela calamidade têm reagido mais sensatamente do que alguns comentadores que tenho visto usarem o espaço público para darem a ideia de que todas as espécies são iguais, e que não se justifica a hostilidade dos “ambientalistas”

Área: 565cm² / 33%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5798354



Data: 05.07.2017

Título: Tsunami de fogo

Pub:

**JL**

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

Pág: 1;29



contra os eucaliptos. Na verdade, será interessante perguntar as razões que levaram a população da aldeia de Ferraria de São João, logo no rescaldo do incêndio, a afirmar que a aldeia tinha sido salva por uma mancha centenária de sobreiros, comprometendo-se a aumentar o plantio, no processo de reflorestação, de espécies endógenas e de crescimento mais lento.

Como estamos num jornal literário, desafio o leitor a adivinhar as razões porque não existe poesia lírica, pintura naturalista, filmes, documentários, anúncios turísticos tendo como cenário os eucaliptais. Na altura em

**“Paradoxal destino, o de uma nação que foi a primeira a construir um império marítimo europeu moderno e que agora perece debaixo dos eucaliptos e dos pinheiros bravos que a nossa indigência, ignorância e pequena cupidez deixaram crescer a um ponto explosivo**

**Nenhum erro de combate pode explicar a expansão do incêndio a uma área tão enorme, a não ser a permissividade e a cumplicidade das autoridades públicas que deveriam zelar pelo ordenamento do território**

que escrevo não houve ainda demissões no Governo. A ministra da Administração Interna já deveria ter saído, por respeito à função que ocupa, e pela desastrada entrevista que concedeu à RTP. Mas será que os ministros do Ambiente e da Agricultura têm condições para se prolongarem nos seus lugares?

Esta tragédia de Pedrogão Grande marca o colapso de uma longa política concebida e prosseguida pelo “bloco central de interesses”. Sucessivos governos do PS, ou do PSD e do CDS, quiseram deixar a floresta entregue ao mercado livre, entoando os mantras do neoliberalismo em voga desde os anos 80. Fizeram-no tanto na prevenção como no combate aos incêndios. O Estado hoje não existe na floresta. Apenas 2% da sua área é pública. E muito mal gerida. A floresta hoje não tem política pública, mas um cacho caótico de interesses, que incluem a PPP do SIRESP (um excelente negócio para os suspeitos do costume, mas que deixou as populações desamparadas quando mais precisariam de informações funcionais e prontas), o aluguer de aviões de combate – depois de afastada a Força Aérea, por ser um obstáculo aos negócios de *outsourcing* – e os incríveis esquemas de subsídios europeus para povoamentos e repovoamentos com eucaliptos!

Estes aprendizes de feiticeiro que nos governam falam como se estivessem a recitar Adam Smith, mas a realidade que as suas políticas criaram lembra mais a “guerra de todos contra todos” de Thomas Hobbes. Não tenho qualquer ilusão que da actual elite nacional possa sair qualquer mudança de fundo. A tendência será para esquecer, como de costume. O problema é que serão os factos, a força das coisas a apelar para um Leviatã capaz de dar combate às grandes ameaças. Os incêndios vão continuar, e dentro de 10, 15, 20 anos será a subida do nível do mar a exigir um governo que em vez de gerir e negociar sobre a mesa das ameaças, seja capaz de as enfrentar...II.